

Narrativas conectadas: os projetos políticos de Wessex e Alba na *Crônica Anglo-Saxônica* (892) e *Crônica dos Reis de Alba* (971)

Kauê Junior Neckel

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil
neckel.kaue@gmail.com

Resumo: O objetivo do artigo é investigar as conexões dos projetos políticos de Alba e Wessex disponíveis a partir das narrativas de duas crônicas insulares. A *Crônica Anglo-Saxônica*, escrita a mando de Ælfred de Wessex (r. 871 – 899) em Winchester, teve estoque comum finalizado por volta de 892, quando iniciou sua escrita contemporânea até 1054. A *Crônica dos Reis de Alba* teve estoque comum finalizado em torno de 971 no reinado de Cináed II mac Mael Choláim (r. 971 – 995), mas com conteúdo que retoma ao reinado de Cináed I mac Ailpín (r. 843 – 858). Sob a metodologia das Histórias Conectadas, questionamos: que narrativas se conectam nos projetos políticos de Wessex e Alba? Nas descrições dos documentos as narrativas são interligadas por dois pontos: 1) a construção de projetos de poder para coesão interna dos respectivos reinos; 2) o estabelecimento de unidade étnica frente à ameaça de agentes externos.

Palavras-chave: Crônicas insulares. Narrativa. Histórias Conectadas. Wessex. Alba.

Introdução

No fragmento do ano de 945 na *Crônica Anglo-Saxônica* (doravante *ASC*) o documento dispõe uma intrigante aliança. Ali diz que “Nesse ano o Rei Ædmund devastou toda a Cúmbria e a garantiu inteira para Malcolm, rei dos Escotos, na condição de que deveria ser seu aliado tanto na terra quanto no mar.” (*ASC*, 945).¹ Esse fragmento certamente não estava isolado, é um sinal significativo de como Escotos e Ingleses compunham Histórias Conectadas. O objetivo desse artigo é investigar as conexões entre os projetos políticos dos reinos de Wessex e Alba nas narrativas de duas crônicas insulares. A *Crônica Anglo-Saxônica* foi escrita a mando de Ælfred de Wessex em Winchester na língua vernácula – o Inglês Antigo. Teve seu estoque comum² finalizado por volta de 892, quando iniciou sua escrita contemporânea até 1054. A *Crônica dos Reis*

¹ Original em Inglês Antigo: “Her Eadmund cing oferhergode eall Cumbra land 7 hit let eall to Malculme Scotta cinge on þæt gerad þæt he wære his midwyrhta ægþer ge on sæ ge on lande” (MS C).

² Os trechos citados da *Crônica Anglo-Saxônica* são traduções livres do Inglês, a partir da edição de Whitelock e Tucker, com base no dicionário Bosworth-Toller que nos auxilia para a leitura instrumental do Inglês Antigo. Os trechos dos manuscritos são retirados da edição *The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition* com múltiplos autores. Conferir referências completas ao final (WHITELOCK & TUCKER, 1961; BATELY, et al., 2004; BOSWORTH & TOLLER, 2023).

de Alba (doravante *CRdA*) não teve escrita contemporânea, seu estoque comum³ foi finalizado em torno de 971 no reinado de Cináed II mac Maél Choláim, no monastério de Brechin.

Partimos dessas crônicas para questionar de forma central: que narrativas se conectam nos projetos políticos de Wessex e Alba? E, de forma secundária, como os projetos políticos se vinculam à narrativa das crônicas para sua aplicação? A construção desses problemas se baseia na conjunção das metodologias que escolhemos para ler as crônicas. De início, a perspectiva das Histórias Conectadas, em acordo com a leitura de Sanjay Subrahmanyam (SUBRAHMANYAM, 1997, p. 735-762) que evoca fronteiras fluidas e uma reconfiguração cartográfica baseada em macro escalas. A partir dessa leitura argumentamos que as crônicas eram interligadas em seus conteúdos, o que reflete a interconexão dos reinos. Em somatória, essas interconexões dialogam com a ideia de narrativa definida a partir da construção de enredo, em acordo com Hayden White. O autor propõe uma análise literária sobre o discurso, este, que se transforma em um enredo construído ao redor de elementos ficcionais (WHITE, 1994, p. 97-116).⁴

O texto histórico se torna um artefato literário cujos autores indiretos são os reis, líderes desses projetos políticos que ordenaram a escrita das crônicas. Assim, as conexões e vínculos entre as narrativas das crônicas tratam sobre uma visão ampliada das dinâmicas de poder nas ilhas do Atlântico Norte. Portanto, interrelacionar essas crônicas insulares é utilizar uma leitura narrativa que não se restringe somente ao discurso. Por meio das subjetivações inseridas nas narrativas históricas dessas crônicas, as entendemos como vetores de sociedades emaranhadas em uma ativa diversidade populacional que formou os pilares de projetos políticos constantemente em diálogo.

Dentro das narrativas cronísticas, definimos os projetos políticos a partir de dois elementos investigados. Em primeiro lugar, a construção de uma coesão populacional interna. Depois, a criação de uma unidade que resistisse à ameaça de agentes políticos externos. Visualizamos esses dois pilares, coesão interna e agentes externos, como

³ Os trechos citados da *Crônica dos Reis de Alba* são traduções livres do Inglês em uma edição fac-símile que nos auxilia para a leitura instrumental do Latim, disponível no artigo Benjamin Hudson. Conferir referência completa ao final (HUDSON, 1998).

⁴ Definimos a ideia de 'construção de enredo' de acordo com White, pois em "textos que pretendem representar 'as coisas como elas são', sem floreios retóricos nem imagens poéticas, há sempre uma falha na intenção" (WHITE, 1994, p. 15). O enredo construído trata de uma "congruência de fenômenos que recusa a incorporar-se a noções convencionalizadas de 'realidade', 'verdade' ou 'possibilidade'" (WHITE, 1994, p. 16). A narrativa das crônicas depende do enredo construído, pois é composta por elementos fictícios que nem sempre se correspondem com a noção factual.

elementos que são entrelaçados nos projetos políticos de Wessex e Alba. As crônicas insulares, por sua vez, se tornaram instrumentos de tais projetos.

Os manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica* e *Crônica dos Reis de Alba*

A narrativa construída pelos projetos políticos aparece nos estoques comuns das duas crônicas. Nos estoques comuns, os eventos foram editados, modificados, incorporados ou intencionalmente incluídos na hora da finalização da escrita das crônicas. A partir da seleção de eventos nas crônicas ressaltamos a importância da narrativa como uma ferramenta política. Alice Jorgensen, em relação à *Crônica Anglo-Saxônica*, sugeriu que “a narrativa política e a estrutura das datas fornecidas nos sete manuscritos substanciais existentes formam uma espinha dorsal histórica para o período” (JORGENSEN, 2010, p. 1).⁵ Acreditamos que a historiadora é precisa em suas colocações. Esse elemento narrativo da *Crônica Anglo-Saxônica* é compartilhado com a *Crônica dos Reis de Alba* e nos introduz a um panorama político dos reinos que ordenaram suas respectivas escritas.

O estoque comum da *Crônica Anglo-Saxônica* foi escrito no Inglês Antigo em torno de 890-92, a seguir a datação sugerida por Susan Irvine (IRVINE, 2010, p. 49-66). Esse período coincide com a década final do reinado de Ælfred, em Wessex. Considerado um rei fundamental para a unificação do que viria a ser Inglaterra, Ælfred tinha um projeto político definido para unificar Anglos, Saxões e Jutos sob uma identidade comum. O termo *Angelcynn*, o Inglês Antigo para ‘povos Ingleses’, surgiu em diversos documentos no período para além da própria *Crônica Anglo-Saxônica*, como as epístolas e na tradução de Beda ao Inglês Antigo.

Em relação à *Crônica dos Reis de Alba*, ela foi escrita a partir de cerca de 971 durante o reinado de Cináed II mac Mael Cholaim. A *Crônica dos Reis de Alba* foi escrita possivelmente em Brechin como sugere a última entrada do documento (*CRdA*, 971). Seu projeto político foi construído no sentido de ressaltar os elementos Gaélico-Irlandeses (nesse caso, na identidade dos Escotos) na formação do reino de Alba em sobreposição aos povos Pictos, que tinham presença ancestral no território. Uma sobreposição que retoma ao reinado de Cináed I mac Ailpín em que dominação sobre os Pictos foi fundamental para o estabelecimento de sua soberania.

⁵ Tradução livre de: “The political narrative and framework of dates provided in the seven substantial extant manuscripts form a historical backbone for the period”.

O quadro a seguir sintetiza os manuscritos⁶ das crônicas que estudamos:

Quadro 1 – Manuscritos da Crônica Anglo-Saxônica e Crônica dos Reis de Alba

Nome	Biblioteca	Catálogo
<i>Crônica Parker</i>	<i>Corpus Christi College (Cambridge)</i>	MS ⁷ 173
<i>Crônica de Abingdon I</i>	<i>British Library</i>	MS Cotton Tiberius A VI
<i>Crônica de Abingdon II</i>	<i>British Library</i>	MS Cotton Tiberius B I
<i>Crônica de Worcester</i>	<i>British Library</i>	MS Cotton Tiberius B IV
<i>Crônica de Peterborough</i>	<i>Bodleian Library (Oxford)</i>	MS Laud 636
<i>Epítome Bilíngue de Canterbury</i>	<i>British Library</i>	MS Cotton Domitian A VIII
<i>Cópia da Crônica de Worcester</i>	<i>British Library</i>	MS Cotton Otho B XI
<i>Manuscrito Poppleton</i>	<i>Biblioteca Nacional da França</i>	MS Lat. 4126

Fonte: Organizado pelo autor

A *Crônica Anglo-Saxônica* é dividida em sete manuscritos cuja identificação vai do manuscrito A ao G. O MS A é a *Crônica Parker*, cujo texto atualmente é o MS 173 da *Parker Library*, parte do *Corpus Christi College* de Cambridge. Acredita-se que o manuscrito foi produzido em Winchester até em torno do ano 1001 e, depois, movido para a *Christ Church*, em Canterbury. Foi mantido na Biblioteca de Christ Church em Canterbury, possivelmente chegou ali por volta de 1067 quando foi levado até lá para reparar as perdas da biblioteca de Canterbury causadas pelo incêndio do mesmo ano. Ainda passou pela mão de Nicholas Wotton, quem deu para Matthew Parker, cuja proveniência batiza tanto a biblioteca quanto a crônica do MS 173. O manuscrito está inteiramente em pergaminho.

O MS B é a *Crônica de Abingdon I*, atualmente o MS Cotton Tiberius A VI da *British Library*. O manuscrito data dos momentos finais do século X e foi mantido até a segunda metade do século XIV na abadia de Abingdon. O texto da *Crônica de Abingdon I* está localizado entre os ff.⁸ 1r e 35v do conteúdo manuscrito. Escrito em pergaminho,

⁶ Alguns manuscritos citados aqui estão digitalizados. O link de acesso para os manuscritos digitalizados pode ser encontrado no subtítulo 'edição dos manuscritos' ao final.

⁷ Abreviação para 'manuscrito'.

⁸ Abreviação para a palavra latina *folio*, que significa a foliação do manuscrito.

tem parte das folhas chamuscadas pelo incêndio da British Library de 1731. Sua trajetória manuscrita é desconhecida pela biblioteca. A última encadernação do manuscrito foi realizada em 1962.

O MS C, chamado de *Crônica de Abingdon II*, é o MS Cotton Tiberius B I, da *British Library*. O manuscrito foi mantido contemporaneamente entre a primeira metade do século XI e a segunda metade do século XII. O trecho referente à *Crônica Anglo-Saxônica* está entre os ff. 115v e 164r. Está escrito em pergaminho, com folhas chamuscadas por incêndio em 1731. Pertenceu ao antiquário William Bowyer (? - 1570), depois pertenceu a Robert Bowyer (1560 - 1621). Por fim, o manuscrito foi adquirido por Sir Robert Cotton e seguiu a mesma trajetória manuscrita da *Crônica de Worcester* (MS D). Sua última encadernação é de 1957.

O MS D é a *Crônica de Worcester*. É o MS Cotton Tiberius B IV da *British Library*, data da metade do século XI e foi escrito contemporaneamente até o início do século XII. A foliação do manuscrito da *Crônica de Worcester* está restrita do ff. 3v ao ff. 86r. O texto está em pergaminho entre os ff. 1-87 e ff. 91-218, com algumas folhas chamuscadas por um incêndio em 1731. Entre os ff. 88-90 está em papel. O manuscrito pertenceu a Sir Robert Bruce Cotton (1571 - 1631), passou ao seu filho, Sir Thomas Cotton (1594 - 1662), seu neto Sir John Cotton (1621 - 1702), até chegar em 1753 ao *British Museum* quando da sua fundação.⁹ Sua última encadernação é de 1955.

O MS E, catalogado como MS Laud 636, está localizado na *Bodleian Library* em Oxford. Chamado de *Crônica de Peterborough* é um dos manuscritos mais completos do documento. Trata-se de uma reunião de informações dispostas em outros manuscritos e fabricadas entre 1121 e 1140, em Peterborough. Está escrito em pergaminho, com algumas folhas em papel pelo pergaminho. Ao final do pergaminho, a partir da entrada de 1079, seu idioma é o Inglês Médio. Pertenceu a William Cecil (1520 - 1598), estava em sua posse quando Laurence Nowell (? - 1576) fez uma transcrição em 1565 na Casa Burghleigh. Após isso, a posse do manuscrito foi para Matthew Parker (? - 1575) e, após sua morte, para William Lisle (? - 1637). Foi adquirido por William Laud antes de doar para a Oxford Bodleian Library em 1639.

⁹ A família Cotton é uma família de antiquários e bibliófilos que colecionava manuscritos em torno dos séculos XVI-XVII. A biblioteca da família era de importância ímpar, pois continha cópias únicas de poemas como *Beowulf* e a *Batalha de Maldon*. A biblioteca da família foi transferida para o *British Museum* em 1753, quando um Ato do Parlamento assim o estabeleceu (TITE, 1993).

O MS F é o *Epítome Bilingue de Canterbury*, cuja identificação é o MS Cotton Domitian A VIII da *British Library*. Escrito no final do século XI, o trecho referente ao conteúdo do manuscrito está localizado entre os ff. 30r e 70v. Esse é o único manuscrito que tem um trecho que está parcialmente em Latim. Até o ff. 175 está em pergaminho, a partir dali, em papel. Sua trajetória manuscrita é a mesma da *Crônica de Worcester*.

O sétimo manuscrito é atualmente é o MS G – também chamado de MS A² – cuja identificação é MS Cotton Otho B XI da *British Library*. Esse manuscrito é uma cópia contemporânea do MS A feita em Winchester entre 1001 e 1013. Está escrito em pergaminho, parte de suas folhas foram chamuscadas em um incêndio em 1731. Antes de chegar a *British Library*, foi mantido pela Abadia de Southwick até chegar à família Cotton no século XVII, quem doou para a biblioteca. Sua última encadernação foi em 1866.

Além disso, existem também relevantes cópias, o *Fragmento Cottoniano*, cuja catalogação é MS Cotton Domitian A IX da *British Library* e a *Crônica da Mesa de Páscoa*, que é o MS Cotton Caligula A XV da *British Library*.

Ao contrário da *Crônica Anglo-Saxônica*, a composição de manuscritos da *Crônica dos Reis de Alba* é mais restrita. O único manuscrito que fundamenta esse documento é o MS Lat. 4126 da Biblioteca Nacional da França (*BnF*) localizada em Paris. É também chamado de *Manuscrito Poppleton*, foi escrito em Latim por volta do fim do século XIII e início do século XIV. Foi compilado por Robert de Poppleton, um frei carmelita da abadia de Hulne. O manuscrito foi compilado depois de 1357 e antes de 1375. Antes do século XVI foi movido para a Abadia de St. Mary em York, quando no século XVI pertenceu a John Leland, antes de chegar à *BnF*.

O *BnF* MS Lat. 4126 está em uma controvérsia central sobre o nome da *Crônica dos Reis de Alba*.¹⁰ Enquanto o nome que utilizamos é batizado por David Dumville (DUMVILLE, 2000, p. 73-86) e reforçado por Dauvit Broun (BROUN, 2007, p. 8-11) em função dos ordenadores do documento, não há consenso sobre o uso dessa nomenclatura. T. M. Charles-Edwards (CHARLES-EDWARDS, 2008, p. 168-188), por outro lado, prefere chamar de *Crônica Poppleton*. Entretanto, consideramos esse nome problemático em função de que o *Manuscrito Poppleton* contém outras crônicas em seu interior, como a *Cronica de origine antiquorum Pictorum*, um texto do século XIII derivado

¹⁰ Agradecemos imensamente ao professor Thomas Owen-Clancy que se disponibilizou em discutir a nomenclatura da *Crônica dos Reis de Alba*, discussão que foi influente na construção de nosso posicionamento historiográfico nesse artigo.

da *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha (560 – 636) que está anexado no mesmo manuscrito. A existência dessa crônica tardia pode causar confusão quanto ao documento de referência ser chamado de *Crônica Poppleton*. Benjamin Hudson (HUDSON, 2014, p. 195; HUDSON, 1998, p. 129-161), por outro lado, chamou de *Crônica Escocesa*, um nome também tendencioso em função de que uma identidade política dos Escoceses ainda não havia ascendido no tempo da escrita da *Crônica*, tampouco a unificação da Escócia. Portanto, em função dessas considerações, adotamos a nomenclatura baseada nas sugestões de Dumville e Broun, *Crônica dos Reis de Alba*. Justificamos a escolha pois a primeira frase do documento que descreve a ascensão de Cináed I mac Ailpín sintetiza as motivações de escrita do documento: trata-se de uma genealogia da realeza de Alba (*CrdA*, 840).

Os projetos políticos de Wessex e Alba: uma breve revisão da produção recente

A *Crônica Anglo-Saxônica* e a *Crônica dos Reis de Alba*, em suas origens, compõem pilares fundamentais dos projetos políticos dos reinos que ordenaram suas respectivas escritas. Tais projetos se correspondem em dois tópicos. Em primeiro lugar, a criação de uma identidade política comum que englobou uma diversidade de povos. Tal fato deu coesão interna na fundação de uma entidade política que acomodou essas identidades. Em segundo lugar, a oposição aos povos considerados invasores, isto é, os Escandinavos, que se tornam agentes para a resistência e manutenção de unidade desses reinos. Portanto, utilizamos a leitura conectiva entre Wessex e Alba como nossa base argumentativa para revisarmos as produções historiográficas recentes.

No caso do rei Ælfred, a unidade política interna se dá através do que foi chamado de *Angelcynn*, um termo guarda-chuva que abarca as identidades minoritárias que viviam no sul da Britânia, descendentes das tribos germânicas que chegaram às ilhas ainda no século V. Anglos, Saxões e Jutos estavam sob a égide do que algumas epístolas do período, os ‘*charters*’, atribuiriam a Ælfred a posição de *Rex Angul Saxonuum*, isto é, rei dos Anglos e dos Saxões (FOOT, 1996, p. 25-49; WHITELOCK, 1979, p. 77-98; ALBUQUERQUE, 2017, p. 70-73). Em 2011, Richard Abels sugeriu que a *Crônica Anglo-Saxônica*

coloca Ælfred dentro de um contexto histórico, para que sua audiência apreciasse a ascensão providencial de Ælfred sobre um inimigo pagão, quem destruiu os reinos de seus vizinhos, sua fundação de um novo reino dos ‘Anglos’ e dos ‘Saxões’, e (com um toque de hipérbole) sua emergência

triumfante como ‘governante’ de ‘todos os Cristãos da ilha da Britânia’ (ABELS, 2006, p. 65).¹¹

Embora as colocações de Abels sejam muito pertinentes em relação a determinação do rei Ælfred na autoria da *Crônica Anglo-Saxônica*, não houve em suas reflexões uma problematização pormenorizada das conexões narrativas com as crônicas do norte Britânico. As identidades locais de Saxões, Anglos, Nortúmbrios, entre outras, foram paulatinamente substituídas pela concepção unificadora de Angelcynn, os povos Ingleses. A pesquisa de Abels, em nossa visão, não está isolada de muito do que a historiografia com foco no norte Britânico apresenta sobre o rei Cináed I mac Ailpín. Assim, visualizamos que existem possibilidades de conexão.

No caso da figura de Cináed, ele foi o responsável por unir o reino de Alba – que viria a se tornar a Escócia – em uma política semelhante. Aqui, os povos Pictos e Escotos dariam uma identidade singular ao reino de Alba por conta de sua conjunção. Benjamin Hudson, um proeminente especialista sobre Alba medieval, sugeriu:

Quem foi o responsável pelo fim dos reinos Pictos? A resposta, desde a Idade Média, tem sido um homem: Kenneth, filho de Alpín (Irlandês Antigo Cináed mac Ailpín) ou Kenneth I. Começando no registro de meados do século IX preservados na *Crônica Escocesa* [a mesma *Crônica dos Reis de Alba*] ele ganha crédito como o homem que uniu os Pictos com os Escotos (HUDSON, 2014, p. 195).¹²

Na mesma linha de Hudson, argumentamos que o reino dos Pictos, Fortriu, enquanto entidade autônoma foi anexado pelo recém-formado reino de Alba, mas sua identidade permaneceu e foi aculturada dentro do contexto Gaélico. Quando falamos sobre a identidade dos ‘Escotos’ nos referimos a uma etnicidade cuja matriz é Gaélico-Irlandesa, justamente em função da dominação da Dál Ríata, reino de origem Irlandesa. O que colocamos é que não existe a percepção da historiografia recente de que existem semelhanças entre os projetos de Cináed I mac Ailpín e Ælfred – principalmente na característica comum de união de povos. Em nossa perspectiva ainda falta uma exploração detalhada dessas equivalências, especialmente no sentido de verificar as

¹¹ Tradução livre de: “to place Alfred within a historical context, so that his audience would appreciate Alfred’s providential rise to the West Saxon kingship, his victories over a heathen enemy who had destroyed the kingdoms of his neighbors, his founding of a new kingdom of ‘Angles’ and ‘Saxons’, and (with a touch of hyperbole) his triumphant emergence as ‘ruler’ (rector) of ‘all the Christians of the island of Britain’”.

¹² Tradução livre de: “Who was responsible for the end of the Pictish kingdoms? The answer, ever since the Middle Ages, has been one man: Kenneth son of Alpin (Old Irish Cináed mac Ailpín) or Kenneth I. Beginning with the mid ninth-century record preserved in the Scottish Chronicle he gets the credit as the man who united the Picts with the Scots”. Entre colchetes a adição é nossa.

conexões e vínculos entre esses projetos em uma abordagem horizontalizada que não foque apenas em um reino.

Na medievalística brasileira existem importantes investigações sobre o projeto político de Ælfred produzidas nas teses de Elton Medeiros (MEDEIROS, 2011, p. 75-163) e de Isabela Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2017, p. 118-127). Medeiros sugere que “ao enfrentar os escandinavos, Alfred consolidou o poder de Wessex [...], entretanto, seria apenas com Athelstan como rei de toda a Inglaterra que esta situação se solidificaria” (MEDEIROS, 2011, p. 82). Já Albuquerque visualiza que

no caso específico de nosso trabalho, o primeiro aspecto [retomada dos territórios ocupados pelos invasores escandinavos e a consolidação do poder de Wessex] é o qual ganhará maior destaque, pelo foco de nossa análise residir nas relações entre anglo-saxões e escandinavos (ALBUQUERQUE, 2017, p. 118).

Essas teses elucidam sobre os aspectos internos do reino de Wessex – com algum diálogo maior com os Escandinavos no caso da tese de Albuquerque – mas, muito em função do recorte dos autores, essa visão não é expandida para os reinos Escotos do Norte. Temos aqui um espaço para sugerirmos uma visão independente do que a historiografia brasileira sobre o projeto de Wessex produziu até aqui: de que é preciso conectar com o projeto de Alba para entender o cenário de ascensão de Wessex. Evidenciamos as conexões com o norte Gaélico, também, por conta de uma significativa ausência nos estudos em Escócia do início da Idade Média no Brasil. Para além dos trabalhos com as pedras Ogham, de Dominique Santos (SANTOS, 2016, p. 35-50) – embora mais vinculados ao que o autor visualiza como período da Antiguidade na Britânia – as produções sobre o reino de Alba no século IX na historiografia brasileira são inexistentes.

Em trabalhos recentes em nível internacional, Courtney Konshuh reforça um ponto importante do projeto político alfrediano impresso em sua crônica: a oposição aos Escandinavos. A autora endereça a natureza do estoque comum da *Crônica Anglo-Saxônica* a partir de dois momentos. Primeiro, a sua primeira batalha da qual ele se tornou rei em 871, segundo, o seu exílio após queda de Wessex para os Escandinavos em 878 (ASC, 871; ASC, 878). Para a autora “ambos os momentos foram críticos para a vitória final de Ælfred e ambos fazem uso da fórmula *lytle werode*” (KONSHUH, 2015, p. 95).¹³ Embora a historiadora tenha sido pontual na análise sobre as fórmulas narrativas

¹³ Tradução livre de: “Both of these moments were critical for Alfred’s ultimate victory, and both make use of the formula *lytle werode*”.

da *Crônica Anglo-Saxônica*, também por uma escolha, ela não explora as conexões com as narrativas das crônicas Gaélicas que se relacionavam com a *Crônica Anglo-Saxônica*.

No aspecto dos reinos do norte Britânico, as recentes conexões têm sido pensadas mais em direção à Gales, não necessariamente aos reinos Ingleses. Esse é o caso do artigo de Dylan Foster Evans que visualiza as descrições de crônicas do norte Britânico sobre a traição de Galeses, mas em crônicas já do período baixo-medieval (FOSTER EVANS, 2018, p. 137-155). Os trabalhos recentes sobre a *Crônica dos Reis de Alba* foram produzidos por Nicholas Evans. O autor sugere que a *Crônica dos Reis de Alba* é “uma fonte-chave nesse período para os reinos que descendem de Alpin e provém crucial, se não controversa, evidência para o processo pela qual a língua, identidade e cultura Pictas foram substituídas por uma sociedade Gaélica” (EVANS, 2017, p. 1).¹⁴ O foco de Evans está, nesse sentido, exclusivamente no contexto do norte Britânico. Na sua obra, os detalhes desse contexto são extensivos, mas a mesma ausência pode ser percebida: não há conexão com os reinos Ingleses.

Obras recentes como a de Lindy Brady que buscam os mitos de origens das populações insulares também não se debruçam sobre as conexões políticas entre Alba e Wessex nos séculos IX e X (BRADY, 2022). Isso também vale para o recente capítulo de Courtney Konshuh publicado no livro de Lavelle e Langlands com foco em estudar Wessex. Sobre a construção de uma ‘identidade Anglo-Saxã’, termo que não está livre de problemas, Konshuh destaca:

A crônica compilada na corte de Ælfred em 891 foi parte de sua reforma educacional e, também, foi parte de uma tentativa de criar uma identidade nacional comum para os Ingleses. Isso pode ser visto nos anais contemporâneos (de 871 para 891), mas o largo corpo de anais juntados com as diversas fontes para os séculos precedentes mostra o mesmo foco (KONSHUH, 2020, p. 154).¹⁵

Os termos de Konshuh podem ser problematizados. O uso do termo ‘Anglo-Saxão’ para o período vem sendo revisado desde a década de 80, com ênfase maior no debate recente que dividiu a academia especializada no final da década de 2010 (REYNOLDS, 1985, p. 395-414; RAMBARAN-OLM, 2021). Além disso, o uso do termo

¹⁴ Tradução livre de: “It is a key source in this period for the reigns of the kings descended from Alpin and provides crucial, if controversial, evidence for the process by which Pictish language, identity, and culture were replaced by a Gaelic society.”

¹⁵ Tradução livre de: “The chronicle compiled at King Alfred’s court after 891 was part of his educational reform and was also part of an attempt to create a common national identity for the English. This can be seen in the contemporary annals (i.e. from 871 to 891), but the large body of annals drawn together from diverse sources for the preceding nine centuries shows this same focus.”

‘nacional’ também não é isento de problemas (GEARY, 2008). Ao percebermos projetos políticos comuns e compartilhados, mudamos o foco: não utilizamos mais nação para descrever as *gens*, mas, em vez disso, visualizamos sob a ótica da conjunção de múltiplos povos. Esses movimentos políticos correlacionais ocorrem simultaneamente nos reinos das ilhas Britânicas dos séculos IX e X, assim, as fronteiras entre as entidades políticas não são fixas como aquelas do Estado-nação, mas são entrelaçadas, fluidas, como a perspectiva étnica indica (BARTH, 1998, p. 185-228). Tanto Alba quanto Wessex construíram projetos políticos que extrapolaram quaisquer fronteiras entre os reinos. Nesse sentido, a criação de uma identidade não é algo nacional *per se*, mas se constrói pela narrativa das crônicas. Ascendem identidades vinculadas a diferentes aspectos da sociedade. No caso de um projeto de poder, a identidade se torna uma identidade política, no caso da autodeterminação dos povos, se torna uma identidade étnica. Assim, falar em ‘Alba’ ou ‘Wessex’ é usar conceitos assimilados pelas elites sociais desses reinos para identificarem seu alinhamento, elites que se correspondiam e se determinavam a partir de projetos distintos, embora vinculados.

Em suma, a percepção que temos é que ainda existe uma certa carência de trabalhos recentes relacionados aos aspectos narrativos compartilhados não somente entre as duas crônicas que estudamos, mas também entre as entidades políticas de Wessex e Alba. Por conseguinte, o tema das narrativas conectadas entre os projetos políticos simboliza o aspecto que buscamos avançar a partir da produção bibliográfica recente.

Narrativas conectadas nos projetos de Alba e Wessex: a evidência das crônicas

Para investigação das fontes, retornamos aos dois princípios que basearam o vínculo entre os reinos de Alba e Wessex: a construção de identidades compartilhadas sob uma entidade política comum e a oposição às invasões de agentes externos.

No primeiro tópico, o domínio sobre povos considerados subalternos é colocado pelas duas fontes no obituário de suas lideranças políticas. Isso é posto com vistas à criação de uma unidade étnica integrativa. Tal unidade não é exatamente conectiva, pois as relações entre os povos não são horizontais, mas é integrativa pois é centralizada em um dos povos que estão inseridos nas matrizes plurais dos reinos. Em outras palavras, há etnocentrismo. No caso de Wessex, o agrupamento étnico central são os Saxões Ocidentais, no caso de Alba, são os Escotos. A busca pela coesão interna formou tanto

Alba, no alvorecer do reino da Escócia, quanto Wessex que moldou as bases do reino da Inglaterra. As crônicas registram:

Cináed, filho de Ailpín, o primeiro dos Escotos, reinou nessa Pictavia de forma bem-sucedida por dezesseis anos. Pictavia, além disso, foi nomeada em função dos Pictos, a quem, como dizemos, Cináed destruiu (*CRdA*, 840).¹⁶
 Nesse ano Ælfred, o filho de Æthelwulf, morreu, seis dias antes do dia de Todos os Santos. Ele foi rei sobre todos os povos Ingleses, exceto por aquela parte da qual estava sob governo Danês, e ele manteve o reino um ano e meio a menos que trinta; e então seu filho, Eduardo, sucedeu ao reino (*ASC*, 899).¹⁷

Ressaltamos o desenvolvimento de projetos comuns de identidade que parecem ter tido bases muito semelhantes. Cináed foi o ‘primeiro dos Escotos’, *primus Scottorum*, uma identidade que ascende em função do domínio Gaélico sobre os Pictos. O próprio rei se torna o responsável por “destruí-los”, um visível enredo da fonte para mostrar a aculturação forçada. Já Ælfred foi ‘rei para todos os Ingleses’, *cing ofer eall Angelcynn*, o que reforça esses aspectos de unidade de Anglos, Saxões e Jutos como um projeto expressado nas crônicas. As narrativas dos dois documentos trazem para a discussão o tema da unidade política de Alba e Wessex, narrativas que estariam conectadas para destacar os feitos de seus líderes na união dos povos.

Além disso, ambos os documentos buscam construir essa unidade nos obituários desses reis. Isso simboliza como foi uma preocupação dos cronistas em definir essa relação direta com os projetos políticos. Esses cronistas não podem ser identificados diretamente, mas certamente respondiam em algum nível aos monarcas que se tornam responsáveis pelo que é registrado nas crônicas. Em outras palavras, os reis são autores indiretos. Portanto, a construção de unidade de Alba e Wessex se desdobra diretamente da coesão interna, algo intencionalmente produzido por seus líderes políticos no enredo cronístico.

Os Pictos passam a ser assimilados pelos Escotos a partir do século IX. Antes, sua divisão política se baseava em clãs separados – Cait, Ce, Cirig, Circinn, Fib, Fidach e Fotla – em que o mito de origem dos Pictos sugere que cada um descende de um dos sete filhos de *Cruithne*, um herói lendário considerado responsável por vir para as ilhas, como argumentam Woolf e Brady (WOOLF, 1998, p. 147-167; BRADY, 2022, p. 40-45). Cináed, que era rei dos Escotos da Dál Ríata, ao dominar os reinos da Pictávia, construía

¹⁶ Original em Latim: “Kínadius igitur filius Alpíní primus Scottorum rexit feliciter istam annis xvi Pictauíam. [...] Pictauía autem a Pictis est nominata quos ut diximus Cinadius deleuít”.

¹⁷ Original em Inglês Antigo: “Her gefor Ælfred Aþulfing .vi. nihtum ær Ealra Halgena mæssan, se wæs cing ofer eall Angelcynn butan þam dæle þe under Dena anwealde wæs, 7 he heold þæt rice oþrum healfum geare læs þe .xxx. wintra, 7 þa feng Eadweard his sunu to rice” (MS C).

uma entidade política centralizadora (Alba) que expandia a formação do reino e, conseqüentemente, seus processos de coesão. A formação do que viria a ser reino da Escócia se concebe justamente pela matriz dual, Picta e Escota, na composição populacional do reino.

No caso da formação do que viria a se tornar Inglaterra (*ASC*, 927), ela se concebe pela união de povos de origem Germânica atestada pela terminologia da população do reino, *Angelcynn*. Antes da invasão dos Escandinavos, a divisão dos povos era comum em reinos majoritariamente Saxões (Wessex, Essex, Sussex), Anglos (Nortúmbria, Mércia, Lindsey, Hwicce e Ânglia Oriental) e Jutos (Kent). Como Sarah Foot demonstrou, a implicação de uma unidade étnica era essencial para a concepção de assimilações, nesse caso, centralizadas na matriz Saxã (FOOT, 1996, p. 25-49). Wessex, no reinado de Ælfred, foi um dos últimos reinos a resistir às invasões dos Escandinavos. Por manterem a administração do reino, os Saxões foram dominantes nas pautas na consolidação do reino de Wessex como principal reino dos povos Ingleses do sul da Britânia no século IX. Um papel semelhante àquele realizado no norte Britânico alguns anos antes, durante o reinado de Cináed I.

Um segundo aspecto importante que aparece nos projetos políticos de Alba e Wessex, diretamente ligado ao tema da coesão, é a unidade em relação às forças externas. Essa coesão interna foi uma justificativa da narrativa das crônicas para que os dois reinos fossem retratados como resistentes à invasão, o que leva a criação de um mecanismo de enredo na narrativa cronística. Esse mecanismo é sumarizado quando as crônicas retratam de forma contínua os avanços das forças inimigas no seu território. Mesmo admitindo a derrota por vezes, essas invasões são registradas em diversos momentos nas crônicas que reportam com detalhes esses eventos. No caso do reino de Alba, os agentes externos mencionados são os Escandinavos e os Ingleses. Especialmente de meados do século IX aos primeiros anos do século X, os Escandinavos são retratados com pilhagens em Cluny e Dunkeld (*CRdA*, 858), na Pictávia (*CRdA*, 866), em Atholl (*CRdA*, 875), em Dunnottar (*CRdA*, 900) e em Strathearn (*CRdA*, 904). Por outro lado, menções aos Ingleses aparecem mais frequentemente no século X. Os Ingleses eram considerados uma ameaça, dado que conflitos com os Escotos são registrados para Dunbar e Melrose (*CRdA*, 858), no rio Tees (*CRdA*, 952), Stainmore, Clough e Derwen (*CRdA*, 971).

No caso da narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*, ela reconhece apenas os Escandinavos como principais antagonistas, portanto, não colocam os Escotos nesse lugar de oposição. Os primeiros avistamentos dos Escandinavos, junto com sua efetiva

chegada, são registrados a partir de fins do século VIII (*ASC*, 787; *ASC*, 793). Ainda assim, diversas batalhas contra os Escandinavos são registradas durante o século IX, o que mostra que a *Crônica Anglo-Saxônica* se preocupou diretamente em construir oposição a esses povos. Na primeira metade do século, os confrontos são mais raros, apareceram somente em Carhampton (*ASC*, 836) e Hingston Down (*ASC*, 838), quando os Escandinavos lutaram contra Ægbert de Wessex (r. 802 – 839), e novamente em Carhampton (*ASC*, 843) quando enfrentaram as forças do rei Æthelwulf (r. 839 – 858). Na segunda metade, as forças de Wessex enfrentaram os Escandinavos em Aclea (*ASC*, 851) e em Winchester (*ASC*, 860) contra as forças do rei Æthelbert de Wessex (r. 860 – 865). Escaramuças foram registradas na Ânglia Oriental (*ASC*, 866), Nottingham (*ASC*, 868), Reading, Ashdown e Basin (*ASC*, 871) contra as forças do rei Æthelred (r. 865 – 871).

Foi somente quando Ælfred (r. 871 – 899) assumiu a governança do reino que os combates se intensificaram. Foram travadas batalhas em Exeter (*ASC*, 877), Chippenham (*ASC*, 878), Cirencester (*ASC*, 879), Fulham (*ASC*, 879), Rochester (*ASC*, 885), Milton (*ASC*, 892), Farnham, Exeter, Devon, Benfleet, Buttington, Chester (*ASC*, 893), Chichester (*ASC*, 894) e, finalmente, Bridgnorth (*ASC*, 895). Todos esses vilarejos estavam sob domínio dos Saxões Ocidentais. A perda de seu controle para os Escandinavos fez com que eles fossem retratados como os principais antagonistas do projeto político de unificação de Wessex. Estes, por sua vez, eram cotidianamente registrados na *Crônica Anglo-Saxônica*.

Nas crônicas, não raramente os conflitos com os Escandinavos são registrados de forma conjunta. Esse é o caso da presença Escandinava perto do rio Tees, em que diversos vilarejos Pictos e Escotos caíram sob as forças Nórdicas, o que causou preocupação dos cronistas em relação ao domínio de Alba perante essas comunidades. As crônicas insulares registram:

Novamente, no décimo terceiro ano, Olaf, enquanto tomava tributo, foi morto por Constantino. Logo depois, no seu 14º ano, uma batalha foi lutada por ele em Dollar entre os Daneses e os Escotos, e os Escotos foram exterminados até Atholl. Os Nórdicos passaram um ano inteiro na Pictávia (*CRdA*, 875).¹⁸ Nesse ano o exército deixou Repton: Healfdene foi com parte de seu exército para a Nortúmbria e tomou quartéis de inverno pelo rio Tyne. E o exército

¹⁸ Original em Latim: “Tercio decimo iterum anno Amlaib trahens censum a Constantino occisus est. Paulo post ab eo bello ín xiiij eius facto in Dolaír inter Danarios et Scottos occisi sunt Socti co Achcochlam. Normanní annum integrum degerunt in Píctauía”.

conquistou a terra e frequentemente pilhou dentre os Pictos e os Bretões de Stathclyde (*ASC*, 875).¹⁹

A *Crônica Anglo-Saxônica* e a *Crônica dos Reis de Alba* são narrativas distintas, escritas para reinos que não raramente se opõem, mas que intercalam seus projetos políticos. Existe uma complementação dos eventos, o que pode ser percebido através dos vínculos entre as concepções de unidade de Wessex e Alba. Esses registros complementares são um elo que conecta as narrativas entre as crônicas. Na entrada de 875, por exemplo, existe uma aproximação na apresentação do fenômeno das pilhagens Escandinavas como agentes externos, por conseguinte, é um enredo da narrativa cronística que aparece em ambos os documentos.

Por fim, o registro da religiosidade dos Escandinavos como pagãos, um ‘Outro’, associado ao caráter militar, é mais um enredo que conecta as narrativas da *Crônica dos Reis de Alba* e *Crônica Anglo-Saxônica*. Esse registro está justaposto a partir de uma notável produção de alteridades que fortaleceu as percepções dos Escandinavos como agentes externos. Os Escandinavos são construídos como um Outro não somente por serem um inimigo que ataca os assentamentos dos povos nativos, mas também por não professarem o cristianismo. As crônicas dizem:

E dois anos depois Olaf, com seus pagãos, devastaram a Pictávia e habitaram ali a partir dos calendários de janeiro até o festim de São Patrício (*CRdA*, 866).²⁰

Nesse ano, o irmão de Æthelbert, Æthelred, sucedeu ao reino dos Saxões Ocidentais. E no mesmo ano, uma grande turba pagã veio para a Inglaterra e tomou quartéis de inverno na Ânglia Oriental; e ali eles foram abastecidos com cavalos e os Anglos Orientais fizeram a paz com eles (*ASC*, 866).²¹

Nas crônicas, o uso do termo ‘pagão’ no pejorativo é comum para se opor aos Escandinavos no aspecto da religiosidade. No caso da *Crônica dos Reis de Alba*, utiliza-se o termo latino *gentibus*, uma variação do termo ‘gentio’, isto é, o não-cristão. Especialmente associa-se com a figura de Olaf (820 – 872), um Nórdico nascido na Irlanda que se tornou conhecido por liderar a armada que devastou as terras do norte da Britânia. Na *Crônica Anglo-Saxônica*, usa-se no Inglês Antigo o termo *hæDen* que é a

¹⁹ Original em Inglês Antigo “Her for se here fram Hreopedune, 7 Healfdene for mid sumum þam here on Norðhymbre 7 nam wintersetl be Tinan þære ea, 7 se here þæt land geeode 7 oft hergode on Peohtas 7 on Streclad Wealas” (MS C).

²⁰ Original em Latim: “Ac post duos annos uastauit Amlaib cum gentibus suis Pictauiam et habitauit eam a kalendis Ianuariis usque ad festum sancti Patricii”.

²¹ Original em Inglês Antigo: “Her Æþered Æðelbrihtes broþor feng to Wessexena rice. 7 þy ilcan gere com micel hæþen here on Angelcynnes land 7 wintersetl namon on Eastenglum, 7 ðær gehorsode wurdon, 7 hie him frið wið namon”.

versão germânica para pagão, utilizado para o povo que não segue os preceitos do cristianismo. Junto a isso está o termo em Inglês Antigo *micel here* que na tradução literal indicaria algo como ‘exército invasor’, ou seja, uma turba de pagãos (MEDEIROS, 2020, p. 176). Ainda assim, ambos os termos associam os aspectos de religiosidade ao caráter militar para construção de antagonismo e diferenciação para com o agente político externo. Ou seja, ao definir os Escandinavos em narrativas de alteridade, as narrativas cronísticas do norte e sul das ilhas Britânicas se conectaram.

A historiadora Clare Downham (2009, p. 142) sugere que

a palavra *hæðen* ocorre frequentemente nos anais a partir de 832 até 872, e é mais popular durante os anos 850 para a exclusão de outros rótulos. É somente achada novamente para o ano de 942. Nos anais de 860 a 892 a palavra *here* (‘exército invasor’) foi o uso favorito.²²

Esses rótulos étnicos relacionados à religiosidade aparecem de forma simultânea nas crônicas, independentemente de sua língua, eles ajudam a estabelecer os Escandinavos nessa posição de agente externo. Tanto na versão em Inglês Antigo na *Crônica Anglo-Saxônica* quanto no Latim da *Crônica dos Reis de Alba*, ressaltam aspectos relacionados à religiosidade para definir os Escandinavos. Por não professarem o cristianismo, não existe nenhuma relação de pertencimento diante eles, seja para os Escotos de Alba, seja para os Ingleses de Wessex. O que vemos são reinos vinculados pelas percepções sobre alteridade. Entretanto, o enredo das narrativas cronísticas não se limita somente aos aspectos culturais, mas são reflexos de projetos políticos em conexão. O uso político nas crônicas, assim, foi presente em ambos os projetos.

Considerações finais

Na introdução desse artigo, questionamos: que narrativas se conectam nos projetos políticos de Wessex e Alba? Como os projetos políticos se vinculam à narrativa das crônicas para sua aplicação? Pois bem, encaminhamos uma resposta para esses questionamentos.

Visualizamos tanto a *Crônica Anglo-saxônica*, escrita em Wessex, quanto a *Crônica dos Reis de Alba*, escrita no reino homônimo, pela perspectiva de projetos políticos

²² Tradução livre de: “The word *hæðen* occurs frequently in the annals from 832 to 872, and it is most popular during the 850s to the exclusion of other labels. It is only found once again, for the year 942. In annals from 860 to 892 the word *here* (‘invading army’) was the favoured usage”.

vinculados. Embora não houvesse uma intenção declarada entre os reinos de Wessex e Alba, as narrativas das crônicas dão a entender que conexões foram formadas. Os monarcas, ordenadores de escrita dos documentos, constroem enredos semelhantes e conectados, algo que parece ter sido intencional.

Essas narrativas se conectam por dois pilares fundamentais. Primeiro, a coesão interna de identidades. No caso de Alba, houve uma centralidade da identidade Gaélica que aculturou os aspectos de autodeterminação propagados pelos grupos Pictos. Isso é descrito nas primeiras linhas da *Crônica dos Reis de Alba*, a partir do momento que Cináed I mac Ailpín é declarado o 'primeiro dos Escotos' ao unir o reino gaélico da Dál Ríata com os Pictos a partir do domínio sobre a Pictávia. A documentação sugere uma preocupação em aproximar os dois reinos em identidades políticas em comum, dado que ambas as narrativas colocam essa centralidade étnica no obituário dos reis. Essa aproximação foi mantida no período da construção da *Crônica dos Reis de Alba* quase cem anos depois, já no início do reinado de Cináed II mac Mael Choláim, quando a crônica foi escrita. No caso de Wessex, houve uma conjunção das identidades de Anglos, Saxões e Jutos no que se chamou de *Angelcynn*, isto é, os povos Ingleses. No obituário do rei Ælfred, é declarada essa união em que ele é considerado rei de todos os Ingleses que não estavam sob domínio dos Escandinavos. Ainda assim, por conta de sua origem, a identidade dos Saxões Ocidentais é sumariamente central ante às concepções de pertencimento de Anglos e Jutos.

A formulação de coesão populacional interna se vincula diretamente ao segundo ponto: resistir às ameaças sobre a integridade territorial dos reinos oriundas de agentes políticos externos. No contexto de Alba, esses agentes são tanto os Escandinavos quanto os próprios Ingleses. Na conjuntura de Wessex, o foco é maior nos Escandinavos. As duas crônicas descrevem os conflitos contra esses agentes externos ao delimitarem a resistência interna frente aos inimigos que adentravam constantemente as fronteiras de seus territórios. Os dois documentos, por conseguinte, retratam os Escandinavos como um Outro. Essas narrativas de alteridade são conectadas ao ponto que aparece a visível definição de uma religiosidade 'pagã' de povos considerados gentios (*gentibus*), o 'não-Cristão', pela *Crônica dos Reis de Alba*, e pagãos (*hæðen*) pela *Crônica Anglo-Saxônica*. As narrativas de alteridade que aparecem em ambas as crônicas definem esse Outro como pagão, portanto, os Escandinavos se tornam um agente externo às unidades políticas dos reinos. Tal construção de um mesmo agente externo é outro elemento que conecta as narrativas das duas crônicas.

As crônicas são, em suma, instrumentos dos projetos políticos que ordenaram suas escritas. A declaração dessas conexões é assertiva na evidência escrita, mas, ainda assim, indicam semelhanças em discursos políticos de reinados quase contemporâneos. Especialmente, as lideranças políticas Ælfred e Cináed II mac Mael Choláim – e suas linhagens no caso desse segundo monarca – são proeminentes nas duas documentações que os retratam como representantes de seus respectivos reinos. Ao ordenarem a escrita dos documentos, esses reis se tornaram autores indiretos. Os projetos políticos são vinculados e complementares com a narrativa das fontes justamente com o objetivo de exaltar os feitos daqueles que ordenaram a produção do documento. Derrotas não raramente são excluídas das documentações, enquanto vitórias são registradas com destaque. Isso forma dinâmicas conectivas que entrelaçaram sul e norte das ilhas Britânicas na fabricação de crônicas. Sem dúvida, narrativas conectadas ascendem de crônicas com consideráveis vínculos. É pelas conexões entre os enredos construídos nas narrativas cronísticas que emergem os projetos políticos basilares dos reinos que se transformariam em Escócia e Inglaterra no século seguinte.

CONNECTED NARRATIVES: THE POLITICAL PROJECTS OF WESSEX AND ALBA IN THE *ANGLO-SAXON CHRONICLE* (892) AND THE *CHRONICLE OF THE KINGS OF ALBA* (971)

Abstract: The objective of the article is to investigate the connections of the political projects of Alba and Wessex available from the narratives of two insular chronicles. The *Anglo-Saxon Chronicle*, written at the behest of Ælfred of Wessex (r. 871 – 899) in Winchester, had a common stock completed around 892, when its contemporary writing began and continued until 1054. The *Chronicle of the Kings of Alba* had a common stock completed around 971 during the reign of Cináed II mac Mael Choláim (r. 971 – 995), but with content that dates back to the reign of Cináed I mac Ailpín (r. 843 – 858). Under the methodology of Connected Histories, we inquire: which narratives can be connected by the political projects of Wessex and Alba? In the descriptions of the documents, two points interconnect the narratives: 1) the construction of power projects for internal cohesion of their respective realms; 2) the establishment of ethnic unity in the face of the threat from external agents.

Keywords: Insular chronicles. Narrative. Connected Histories. Wessex. Alba.

NARRATIVAS CONECTADAS: LOS PROYECTOS POLÍTICOS DE WESSEX Y ALBA EN LA *CRÓNICA ANGLOSAJONA* (892) Y LA *CRÓNICA DE LOS REYES DE ALBA* (971)

Resumen: El objetivo del artículo es investigar las conexiones de los proyectos políticos de Alba y Wessex disponibles a partir de las narrativas de dos crónicas insulares. La *Crónica Anglosajona*, escrita por orden de Ælfred de Wessex (r. 871-899) en Winchester, tuvo un stock común finalizado alrededor del año 892, cuando comenzó su redacción contemporánea hasta el año 1054. La *Crónica de los Reyes de Alba* tuvo un stock común finalizado alrededor del año 971 durante el reinado de Cináed II mac Mael Choláim (r. 971-995), pero con contenido que se remonta al reinado de Cináed I mac Ailpín (r. 843-858). Bajo la metodología de las Historias Conectadas, nos preguntamos: ¿qué narrativas pueden ser conectadas por los proyectos políticos de Wessex y Alba? En las descripciones de los documentos, las narrativas están interconectadas por dos puntos: 1) la construcción de proyectos de poder para la cohesión interna de sus respectivos reinos; 2) el establecimiento de una unidad étnica frente a la amenaza de agentes externos.

Palabras clave: Crónicas insulares. Narrativa. Historias Conectadas. Wessex. Alba.

Referências

Edições das fontes

BATELY, Janet. TAYLOR, Simon. O'KEFFEE, Katherine O'Brien. CUBBIN, G. P. IRVINE, Susan. BAKER, Peter S. **The Anglo-Saxon Chronicle: a collaborative edition.** v. 3-8, MS A-F. Cambridge: D. S. Brewer, 2004.

HUDSON, Benjamin. The Scottish Chronicle. **The Scottish Historical Review**, v. 77, n. 204, 1998. p. 129-161.

WHITELOCK, Dorothy. TUCKER, Susie E. DOUGLAS, David C. **The Anglo-Saxon Chronicle: a revised translation.** Londres: Eyre & Spottiswide, 1961.

Manuscritos

BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA. **MS Lat. 4126.** Disponível em: < <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9065949v.r=Latin%204126?rk=21459;2> >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Domitian A VIII.** Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Domitian_A_VIII >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Otho B XI.** Disponível em: < https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_34652 >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius A VI.** Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_A_VI >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius B I**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_B_I >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

BRITISH LIBRARY. **MS Cotton Tiberius B IV**. Disponível em: < http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Tiberius_B_IV >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

CAMBRIDGE CORPUS CHRISTI LIBRARY. **Corpus Christi College, MS 279B**. Disponível em: < <https://digital.bodleian.ox.ac.uk/objects/6c79a7b4-a7f7-4988-a41d-dbfba14ec6cb/> >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

OXFORD BODLEIAN LIBRARY. **MS Laud 636**. Disponível em: < https://medieval.bodleian.ox.ac.uk/catalog/manuscript_7423 >. Acessado pela última vez em 27 de julho de 2023.

Bibliografia

ABELS, Richard. Alfred and his biographers: images and imagination. In: BATES, David. CRICK, Julia. HAMILTON, Sarah (orgs.). **Writing Medieval Biography, 750-1250: essays in honour of Frank Barlow**. Woodbridge: Boydell and Brewer, 2006. p. 61-75.

ALBUQUERQUE, Isabela Dias de. O período alfrediano e a construção da Inglaterra. In: ALBUQUERQUE, Isabela Dias de. **As relações identitárias entre Anglo-Saxões e Escandinavos: uma comparação do reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)**. Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017. p. 118-127.

BOSWORTH, Joseph. TOLLER, T. N. **An Anglo-Saxon dictionary, based on the manuscript collections of the late Joseph Bosworth**. Disponível em: < <https://bosworthtoller.com> >. Acessado pela última vez em 20 de setembro de 2023.

BRADY, Lindy. **The Origin Legends of Early Medieval Britain and Ireland**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

BROUN, Dauvit. The Chronicle of the Kings of Alba. In: ERSKINE, C. MACDONALD, A. R. PENMAN, M. (eds.). **Scotland: the making and unmaking of the nation, c.1100-1707**. Dundee: Dundee University Press, 2007. p. 8-11.

CHARLES-EDWARDS, T. M. Picts and Scots: a review of Alex Woolf, From Pictland to Alba, 789-1070. **The Innes Review**, v. 59, n. 2, 2008. p. 168-188.

DOWNHAM, Clare. 'Hiberno-Norwegians' and 'Anglo-Danes': anachronistic ethnicities and Viking-Age England. **Mediaeval Scandinavia**, n. 192, 2009. p. 139-169.

DUMVILLE, David. The Chronicle of the Kings of Alba. In: TAYLOR, Simon (org.). **Kings, clerics and chronicles in Scotland, 500-1297**. Dublin: Four Courts Press, 2000. p. 73-86.

EVANS, Nicholas. The Chronicle of the Kings of Alba. In: ECHARD, Sian. ROUSE, Robert. **The Encyclopedia of Medieval Literature in Britain**. Londres: Wiley-Blackwell, 2017. p. 1-2.

FOOT, Sarah. The Making of *Angelcynn*: English Identity before the Norman Conquest. **Transactions of the Royal Historical Society**, v.6, 1996. p. 25-49.

FOSTER EVANS, Dylan. Welsh traitors in a Scottish chronicle: Dafydd ap Gruffudd, Penwyn and the transmission of national memory. **Studia Celtica**, n. 52, v. 1, 2018. p. 137-155.

GEARY, Patrick J. **O Mito nas Nações**: a invenção do nacionalismo. Lisboa: Gradiva, 2008.

JORGENSEN, Alice. Introduction: reading the Anglo-Saxon Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (ed.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle**: language, literature and history. Turnhout: Brepols, 2010. p. 1-30.

IRVINE, Susan. The Production of the Peterborough Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (ed.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle**: language, literature and history. Turnhout: Brepols, 2010. p. 49-66.

KONSHUH, Courtney. Construction Early Anglo-Saxon Identity in the *Anglo-Saxon Chronicles*. In: LAVELLE, Ryan. LANGLANDS, Alexander (eds.). **The Land of the English Kin**: studies in Wessex and Anglo-Saxon England in honour of Professor Barbara Yorke. Leiden: Brill, 2020. p. 154-182.

KONSHUH, Courtney. Fighting with a *little werode*: Alfred's retinue in the Anglo-Saxon Chronicle. **The Medieval Chronicle**, v. 10, 2015. p. 95-117.

MEDEIROS, Elton O. S. Dinamarqueses, Daneses ou Vikings? Problemas metodológicos e identitários na Alta Idade Média inglesa. **Roda da Fortuna**, v. 9, n. 2, 2020. p. 157-181.

MEDEIROS, Elton O. S. O período alfrediano. In: MEDEIROS, Elton. **Dominuus Exercituum**: política, poesia heroica e narrativa bíblica durante o período alfrediano. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. p. 75-163.

RAMBARAN-OLM, Mary. WADE, Erik. The Many Myths of the Term 'Anglo-Saxon'. **Smithsonian Magazine**. Publicado em 14 de julho de 2021. Disponível em: < <https://www.smithsonianmag.com/history/many-myths-term-anglo-saxon-180978169/> >. Acessado em 18 de julho de 2023.

REYNOLDS, Susan. What do we mean by 'Anglo-Saxon' and 'Anglo-Saxons'? **Journal of British Studies**, v. 24, n. 4, 1985. p. 395-414.

SANTOS, Dominique. As 'Ogham Stones': fontes para o estudo da 'Hibernia' e da 'Britannia romana' (e pós-romana). **Romanitas**: revista de estudos greco-latinos. n. 8. 2016. p. 35-50.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. **Modern Asian Studies**, v. 31, n. 3, 1997. p. 735-762.

TITE, Colin G. C. **The Manuscript Library of Sir Robert Cotton**. Londres: British Library, 1993.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 97-116.

WHITELOCK, Dorothy. Some Charters in the name of King Alfred. In: KING, M. H. STEVENS, W. M. **Saints, scholars, and heroes: Studies in medieval culture in honor of Charles W. Jones**. St. John: Hill Manuscript Library, St. John's Abbey and University, 1979. p. 77-98.

WOOLF, Alex. The Pictish matriliney reconsidered. **The Innes Review**, v. 49, n. 2, 1998. p. 147-167.

SOBRE O AUTOR

Kauê Junior Neckel é doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Recebido em 20/09/2023

Aceito em 11/12/2023